

## APRESENTAÇÃO

*Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.*

*No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

*Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infundas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.*

*Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.*

*Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística”*

*para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).*

*Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:*

*Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os*

*últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apolo-gético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).*

*A Editora*

## INTRODUÇÃO

Nudez e simplicidade;<sup>1</sup> exame de consciência e senso de responsabilidade diante de Deus e do próximo;<sup>2</sup> texto que, se não existissem outras obras agostinianas, ainda assim nos daria a conhecer a alma de Agostinho.<sup>3</sup> Essas são expressões referidas às *Retractationes* e seu autor que nos dão uma ideia de seu significado e que permitem entender por que é classificada como obra autobiográfica, mesmo se não como esperaríamos. Aliás, nem mesmo as *Confessiones* o são como esperaríamos. “[C]omo que uma continuidade natural das *Confessiones*”,<sup>4</sup> que são a retratação da vida, as *Retractationes* são as confissões do progresso intelectual-espiritual.

As *Retractationes* revelam, de fato, o percurso intelectual e espiritual de Agostinho de Hipona – para quem conhecimento intelectual e espiritualidade são inseparáveis –, seu progresso, sua seriedade e sinceridade na busca da Verdade: não lhe basta perscrutar-se a si mesmo, perscrutar-

<sup>1</sup> A. von HARNACK, “Die Retraktionen Augustins”, em *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften* 2 (1905) 1096-1131. Essa introdução depende, basicamente, das obras indicadas nas notas 1-4, além das introduções às edições das *Retractationes* contantes na bibliografia do artigo citado na n. 4.

<sup>2</sup> J. de GHELLINCK, “Retractations de St. Augustin. Examen de conscience de l'écrivain”, em *Patristique et moyen âge. Études d'histoire littéraire et doctrinale*, Gembloux/Bruxelles: Duculot/Éditions Universitaires, vol. 3 (*Compléments à l'étude de la Patristique*), 1948, p. 348.

<sup>3</sup> G. BARDY, “Introduction”, em BA 12, 1950, p. 7-256, p. 248-249.

<sup>4</sup> A. FITZGERALD, “Retractationes”, em AAT, p. 848-849, p. 848.

tar as escrituras e escrever, responder a múltiplos pedidos que reclamavam sua competência na exposição e defesa da doutrina cristã; deve fazê-lo à luz da verdade – que garante a possibilidade de que sua experiência seja mesmo útil para outros e que é superior a qualquer possível pretensão de realizações passadas e a qualquer ego desejoso de defendê-las ou defender-se –, sem omitir os equívocos, que parte de um longo percurso de investigação e progresso, sem a pretensão da perfeição.<sup>5</sup> Aqui já se entreveem os objetivos das *Retractationes*: Agostinho quer julgar-se aos pés do Único Mestre<sup>6</sup> – outro nome da Verdade –, diante do qual não é possível pôr-se sem alguma retratação, particularmente quando o ego quer acrescentar à Verdade o que é seu; quer corrigir-se objetiva e publicamente para ser lido, de fato, com proveito, para que se imitem seus progressos, não seus erros, e, por isso, quer ser lido na ordem em que se deu seu progresso.<sup>7</sup>

Tais objetivos, que ele diz serem de outrora,<sup>8</sup> despertam por volta de 412<sup>9</sup> e concretizam-se em Hipona,

<sup>5</sup> Cf. *retr.* 1, prol. 1-3. Veja-se também *ep.* 143,2.

<sup>6</sup> Cf. *retr.* 1, prol. 2.

<sup>7</sup> Cf. *retr.* 1, prol. 3. Embora Agostinho se proponha a dispor cronologicamente suas obras, para conhecimento do leitor, essa ordem é problemática em certos pontos (cf. G. MADEC, “Introduzione Generale”, em NBA 2, 1994, p. XCIX-CV), e pode ora dizer respeito à composição de uma obra, ora a sua publicação. É preciso considerar, particularmente, o fato de ele ter interrompido a composição de algumas obras em favor de outras ou de outros trabalhos (cf., por exemplo, *retr.* 26) e de haver obras cuja elaboração requeria mais tempo (*De trinitate* e *De civitate Dei* levam mais de quinze anos para serem concluídos); outras vezes, Agostinho trabalhava em duas obras ao mesmo tempo (cf. *ep.* 224,2: Quodvultdeus encomendava a Agostinho o *De haeresibus*, enquanto o Bispo de Hipona trabalhava tanto em suas *Retractationes* quanto na resposta a Juliano de Eclano).

<sup>8</sup> Cf. *retr.* 1, prol. 1.

<sup>9</sup> Cf. *ep.* 143,2. Período que coincide com as invocações pelagianas de escritos agostinianos precedentes, como o *De libero arbitrio*, em favor das próprias teses;

parcialmente,<sup>10</sup> por volta de 427; período em que Agostinho está ocupado principalmente em duas frentes polêmicas: com Juliano de Eclano e com os monges marselheses. Assim, concluídos os dois livros de suas *Retractationes*, embora Agostinho não saiba se ainda publicará algo,<sup>11</sup> consegue, contudo, fazê-lo. Há, portanto, obras posteriores e que, por isso, não tiveram sua recensão feita: o livro do *Speculum*, o livro *De praedestinatione sanctorum* e o livro *De dono perseverantiae*, dedicados aos monges marselheses; os dois livros *De haeresibus*, obra solicitada por Quodvultdeus; os dois livros *Contra Maximinum* – polêmicos, mas não ligados às polêmicas em andamento – e os seis livros *Contra Iulianum opus imperfectum*, interrompidos pela morte do autor.

As referências às *Retractationes* em *De praedestinatione sanctorum* 7 e 8 e em *De dono perseverantiae* 27 e 44 confirmam o caráter corretivo do título, expresso no *prologus*<sup>12</sup> da obra, e refletem o projeto inicial do Hiponense.<sup>13</sup>

Nos dois livros que compõem as *Retractationes*, precedidos do Índice, constam as obras publicadas antes (livro 1) e depois (livro 2) do episcopado. Talvez essa mesma divisão seria empregada na recensão das cartas e das homilias, às quais poderia aplicar-se também o esquema usado para as obras, que, em geral, tem uma apresentação do título,

teses nas quais Agostinho já não acreditava. O pelagianismo bem pode, por isso, ter sido a motivação externa para a obra. A informação sobre o pedido dos irmãos (*retr.* 2, epil.) não se refere – evidentemente – a motivação para a composição da obra, mas para a publicação dos dois livros já prontos, ainda que cartas e sermões não tivessem sido ainda revistos (cf. nota seguinte).

<sup>10</sup> O Hiponense pretendia fazer a recensão não só dos livros, mas também das cartas e sermões (cf. *retr.* 1, prol. 1). Chegou a reler muitas cartas, sem, porém, escrever a seu respeito (cf. *ep.* 224,2).

<sup>11</sup> Cf. *retr.* 2, epil.

<sup>12</sup> Cf. *retr.* 1, prol. 1. Veja-se também *ep.* 224,2.

<sup>13</sup> Cf. *ep.* 143,2.4.

descrição de sua origem, número de livros ou capítulos, dedicatória ou destinatário, o conteúdo sublinhado ou o erro, estrutura e organização da obra – no caso das maiores –, sua revisão ou explicação e as palavras com que cada obra tem início.<sup>14</sup> Por isso, a leitura de cada obra de Agostinho deveria ser antecedida pela leitura das *Retractationes*, que – com as devidas ressalvas – bem se prestam a uma sua introdução.

<sup>14</sup> Cf. A. FITZGERALD, *art. cit.*, p. 849.



## PRÓLOGO

**1** Há muito tempo venho pensando e planejando o que agora, com a ajuda do Senhor, estou empreendendo, pois creio que não devo diferi-lo por mais tempo, e assim examinar com certo rigor meus opúsculos, quer se trate de livros, ou de tratados, ou de cartas; e o que me desagrade eu o assinale com um ponteiro de censor. Pois ninguém, a não ser um imprudente, ousaria repreender-me pelo fato de eu censurar meus erros. Mas aquele que diz que eu não deveria dizer o que depois também me desagradaria está com a razão e está de acordo comigo. Com efeito, ele reprova as mesmas coisas que eu, mas eu não deveria reprovar tais coisas, ao ter o dever de dizê-lo.

**2** Mas cada um aceite como quiser o que estou fazendo; contudo, nesse assunto, foi mister que eu tivesse em conta aquela sentença apostólica que diz: “Se nos examinássemos, não seríamos julgados”.<sup>1</sup> O que também está escrito: “Nas muitas palavras não falta ofensa”<sup>2</sup> amedronta-me muito, não porque tenha escrito muitas coisas ou porque muitas coisas que não foram ditadas por mim, contudo, foram registradas como se eu as tivesse dito – longe de mim considerar tagarelice o que se diz sendo necessário –, mas devido ao fato de ter medo dessa sentença da santa

<sup>1</sup> 1Cor 11,31.

<sup>2</sup> Pr 10,19.

Escritura, porque, entre tantas discussões minhas, pode-se, sem dúvida, recolher muitas que, se não são falsas, podem certamente parecer ou também ser consideradas como não necessárias. Mas a qual de seus fiéis Cristo não atemorizou, quando disse: “De toda palavra inútil que os homens disserem, darão contas no Dia do Juízo”.<sup>3</sup> Daí ter dito também o apóstolo Tiago: “Que seja cada um de vós pronto para ouvir, mas tardio para falar”.<sup>4</sup> E em outra passagem: “Não queirais ser todos mestres, pois sabemos que estamos sujeitos a mais severo juízo, porque todos nós tropeçamos frequentemente. Aquele que não tropeça no falar é realmente um homem perfeito”.<sup>5</sup>

Eu nem agora me atribuo essa perfeição, embora seja velho, quanto menos quando, sendo jovem, comecei a escrever ou a falar ao povo; e atribuíam a mim tanta responsabilidade que em qualquer parte em que fosse preciso falar ao povo, estando eu presente, muito raramente me era permitido ficar em silêncio e ouvir os outros, e “ser pronto para ouvir, mas tardio para falar”. Resta, portanto, que eu mesmo me julgue diante do único Mestre,<sup>6</sup> cujo juízo sobre meus deslizes desejo evitar. Contudo, considero que muitos chegam a ser mestres quando pensam coisas diversas e contrárias entre si. Mas quando todos afirmam a mesma coisa,<sup>7</sup> dizem a verdade, não se distanciam do magistério do único mestre verdadeiro. Mas injuriam-no não quando transmitem muitas coisas a respeito dele, mas quando

<sup>3</sup> Mt 12,36.

<sup>4</sup> Tg 1,19.

<sup>5</sup> Tg 3,1-2.

<sup>6</sup> Cf. Mt 23,8.

<sup>7</sup> Cf. 1Cor 1,10.

acrescentam suas próprias.<sup>8</sup> Desse modo, incidem não só em palavreados, mas também em falsidade.

**3** Sem embargo, aprouve-me escrever esta obra para a entregar nas mãos das pessoas das quais não posso reclamar, para ser corrigido o que já publiquei. Não vou omitir, também, o que escrevi sendo ainda catecúmeno, embora tivesse abandonado a esperança terrena que acalentava, mas estando ainda inchado pelo hábito da literatura mundana; pois esses escritos chegaram ao conhecimento dos copistas e de leitores, e podem ser lidos com proveito, se se desculpam seus deslizes, ou, se não se desculpam, não se aceite o que está errado. Por isso, todo aquele que ler estes escritos não me imite nos erros, mas em meu progresso para melhor. Talvez qualquer um que ler estes meus opúsculos, na ordem em que foram escritos, perceberá como progredi ao escrevê-los. E para que isso possa comprová-lo, cuidarei, na medida do possível, de que venham na mesma ordem nesta obra.

<sup>8</sup> Cf. Jo 8,44.

## LIVRO 1

### 1. *Contra os acadêmicos*<sup>1</sup>

três livros

**1** Depois de ter abandonado ou o que havia conseguido ou o que ambicionava conseguir no tocante às vaidades deste mundo, ainda não batizado, e me tivesse entregado ao ócio da vida cristã, escrevi primeiramente contra os acadêmicos ou sobre os acadêmicos, com a finalidade de afastar de meu espírito seus argumentos com maior número possível de razões, pois também a mim me preocupavam esses argumentos, pois levam muitos à falta de esperança de encontrar a verdade e proíbem a qualquer um de assentir à verdade, e ao sábio, de acolher algo como manifesto e evidente, visto que tudo lhes parece obscuro e incerto. Isso foi feito graças à misericórdia e à ajuda do Senhor.

**2** Mas nos mesmos três livros não me agrada ter mencionado tantas vezes a Fortuna,<sup>2</sup> embora não tivesse intenção de referir-me com este nome a alguma deusa, mas aos

<sup>1</sup> Coleção Patrística, vol. 24.

<sup>2</sup> *Acad.* 1,1. As obras cujos títulos não são indicados – onde há somente números –, nessas notas são aquelas das quais Santo Agostinho faz a recensão. Embora a numeração de livros e parágrafos das obras citadas seja conforme o *Corpus Augustinianum Gissense*, a numeração dos capítulos das *retr.*, neste volume, segue a edição dos Maurinos, reproduzida na Patrologia Latina. As abreviações das obras do Bispo de Hipona seguem o “Quadro das obras de Agostinho”, em AAT, p. 38-54.

acontecimentos fortuitos, seja com relação às coisas boas ou más de nosso corpo ou exteriores a ele. Eis os termos que nenhuma religião proíbe empregar: “talvez, quiçá, por acaso, fortuitamente”, os quais, contudo, devem dizer referência à divina Providência. E eu não omiti esse pormenor, ao dizer: “Com efeito, talvez o que vulgarmente se denomina fortuna seja governado por uma ordem oculta, e o que denominamos acaso nos acontecimentos nada mais seja senão aqueles cuja razão e causa são ocultas”.<sup>3</sup> Sem embargo, eu o disse, mas arrependo-me de ter mencionado ali o termo “fortuna”, tendo percebido que as pessoas têm o péssimo costume de dizer: “O destino o quis”, em vez de dizer: “Deus o quis”.

O que afirmei em outra passagem: “Assim está determinado, ou por nossos méritos ou por exigência da natureza, que o porto da filosofia jamais seja alcançado por uma alma divina apegada às coisas mortais” etc.,<sup>4</sup> ou não deveria ter empregado nenhuma das duas expressões, visto que mesmo assim o sentido seria completo e bastaria dizer: “Por nossos méritos”, já que é verdade devido à miséria herdada de Adão, e não precisaria ter acrescentado: “ou por exigência da natureza”, visto que a triste condição de nossa natureza teve origem nos merecimentos da iniquidade original.

E também ao que ali afirmei: “Não deve ser de forma alguma cultuado, deve-se rejeitar tudo o que veem os olhos mortais, tudo o que é atingido por qualquer sentido”,<sup>5</sup> deveria ter acrescentado estas palavras e dizer: “Tudo o que é atingido por qualquer sentido do corpo mortal”, pois nesse corpo há também o sentido da mente.<sup>6</sup> Mas eu me

<sup>3</sup> 1,3.

<sup>4</sup> 1,3.

<sup>5</sup> 1,3.

<sup>6</sup> Cf. Tb 2,10; Sl 12,4; Ef 1,18.

expressava de acordo com o costume daqueles que atribuem sentidos somente ao corpo e denominam sensível somente o corporal. Por isso, em todas as passagens, em que assim me expressei, é pouco evitar-se o duvidoso, a não ser a respeito daqueles que têm o costume de assim se expressar.

E o que eu disse: “O que considerarás viver felizmente, senão viver em conformidade com o que o homem possui de mais nobre?”.<sup>7</sup> O que afirmei: “Com o que o homem possui de mais nobre”, explicando um pouco depois, eu disse: “Quem duvidará de que nada há melhor no ser humano do que a parte da alma a cuja ordem é mister obedecer todo o restante existente no ser humano? Essa parte, para que não solicites outra definição, pode denominar-se mente ou razão”.<sup>8</sup> Isso é verdade, pois no tocante à natureza do homem, nada há melhor que a mente e a razão; mas não deve viver segundo a natureza aquele que deseja viver bem; com efeito, desse modo vive segundo o homem e, no entanto, deve viver segundo Deus,<sup>9</sup> para ser capaz de chegar à felicidade; para alcançá-la, não deve estar satisfeito consigo mesmo, mas nossa mente deve submeter-se a Deus.

E, também, respondendo a meu interlocutor, afirmei: “Certamente não estás equivocado; desejaria prazerosamente que o prognóstico te fosse útil para o futuro”.<sup>10</sup> Não o disse para valer, mas por gracejo; contudo, não gostaria de usar aquele termo. Pois não me recordo de tê-lo visto nem em nossas sagradas Escrituras, nem pronunciado por algum tratadista eclesiástico, embora se denomine “abominação” a que se encontra frequentemente nos livros divinos.

<sup>7</sup> 1,5.

<sup>8</sup> 1,5.

<sup>9</sup> Cf. 1Pd 4,6.

<sup>10</sup> 1,11.

**3** No segundo livro, é totalmente inútil e sem sentido aquele tipo de fábula sobre a filocalia e a filosofia “como gêmeas e procriadas pelo mesmo pai”.<sup>11</sup> Pois, ou a chamada filocalia situa-se entre as coisas mentirosas e assim, em qualquer hipótese, deixa de ser irmã gêmea da filosofia, ou, se deve ser respeitada porque em latim esse nome significa o amor à beleza, designa então o mesmo que a filosofia nas coisas incorpóreas e sublimes; mas não são irmãs, de forma alguma.

Em outra passagem, ao tratar da alma, eu disse: “Regressará mais segura ao céu”.<sup>12</sup> Mas deveria ter dito: “irá” melhor que regressará, porque alguns pensam que as almas humanas, caídas ou lançadas do céu devido a seus pecados, são desalojadas para compor nossos corpos. Mas não duvidei em assim me expressar pelo fato de ter dito ao céu, como se dissesse “a Deus”, o qual é o autor e criador, do mesmo modo como o bem-aventurado Cipriano não hesitou em dizer: “Como possuímos o corpo originário da terra, e a alma, do céu, somos terra e céu”. E no livro do Eclesiastes está escrito: “Antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus, que o concedeu”.<sup>13</sup> Isso se deve entender de modo a não contrariar o Apóstolo, que diz: os não nascidos nada fizeram de bom e de mal.<sup>14</sup> Sem qualquer discussão, a pátria original da bem-aventurança é o próprio Deus, que não a gerou de si mesmo, mas a criou do nada, como outras coisas, assim como da terra criou o corpo.<sup>15</sup> Pois, no tocante à sua origem, como está no corpo, não sabia então nem ainda sei

<sup>11</sup> 2,7.

<sup>12</sup> 2,22.

<sup>13</sup> Ecl 12,7.

<sup>14</sup> Cf. Rm 9,11.

<sup>15</sup> Cf. Gn 2,7.